

humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



do seu epígono tardio, Plotino («Tradition and Personal Achievement in the Philosophy of Plotinus») e de religião grega («The Religion of the Ordinary Man in Classical Greece») — matérias sobre as quais dirigiu seminários durante anos. É ainda o estudioso dos fenómenos parapsíquicos, conhecido pelo seu ensaio «Telepathy and Clairvoyance in Classical Antiquity» (in *Greek Poetry and Life*, Oxford, 1936), que agora aparece muito ampliado, com grande riqueza de exemplos antigos e modernos, a constituir o capítulo X deste livro.

Um interesse antigo do Autor é também o ensaio que dá o título à colectânea, «The Ancient Concept of Progress», tema que tratou em comunicação apresentada ao Congresso das Sociedades Clássicas Britânicas em Cambridge, em 1951, como um primeiro e bem fundamentado desafio à tese de Walter Bagehot, corrente desde 1872, segundo a qual era de todo alheia aos Gregos a noção de progresso. O famoso helenista voltou ao assunto em 1969, em conferência lida na Universidade de Glasgow. Daí deriva o trabalho agora publicado, que é um modelo de lucidez e de rigor na informação, indispensável mesmo a quem dispuser do livro póstumo de L. Edelstein sobre o assunto (*The Idea of Progress in Classical Antiquity*, Baltimore 1967), do qual, aliás, discorda em mais de um ponto (e.g., de que Platão fosse adepto da noção de progresso, ou de que Posidónio acreditasse na ideia de progresso incessante). Deve assinalar-se, nesta análise, o lugar de relevo dado aos cientistas, cujo papel é tão importante neste contexto, e o valor da discussão do sentido e autenticidade da *rhexis* sobre os inventos ensinados por Prometeu ao homem, na tragédia de Ésquilo (p. 5), e do significado do discutido Estásimo primeiro de *Antígona*, visto sobretudo como uma advertência às limitações do ser humano (p. 8).

Pode o leitor permitir-se a dúvida num ou noutro passo (e.g., a interpretação dos vv. 174-175 de *Os Trabalhos e Dias* como aceitação da teoria do eterno retorno, onde parece mais provável tratar-se de uma polaridade, como pensou W. J. Verdenius, «Aufbau und Absicht der Erga» in *Hésiode et son Influence*, Entretiens Hardt, Genève 1962, pp. 133-134). Mas a objectividade na interpretação, a riqueza do material e a largueza de vistas fazem deste ensaio um modelo no seu género. De salientar o interesse das conclusões, nomeadamente da última, que estabelece uma correlação entre a expectativa e a experiência real de progresso nas sociedades grega e romana.

Merece ainda referência à parte o ensaio intitulado «The Sophistic Movement and the Failure of Greek Liberalism», que o A. considera reflectir «a ansiedade política e moral dos últimos anos da década de trinta» (p. 92, nota 1), e é um dos que mais evidenciam a preocupação, atrás apontada, de procurar na tradição dos Antigos as implicações sobre a problemática dos Modernos. Uma visão da cultura greco-romana que é, sem dúvida, uma das lições do livro.

M. H. ROCHA PEREIRA

Eurípides, Hecuba. Edidit STEPHEN G. DAITZ. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1973. XXXVI + 104 pp.

Dos estudos sobre a complexa transmissão manuscrita de Eurípides, desde Turyn (1957) a Zuntz (1965) e Tuilier (1968) — para só falar dos principais — beneficia hoje o editor do *τραγικώτατος*, apesar das incertezas que persistem no estabelecimento de um *stemma* seguro. No caso presente, tratando-se de uma drama pertencente à Tríade Bizantina, o número de códices que o contêm aproxima-se dos trezentos.

O A., bem conhecido dos estudiosos de Eurípides, sobretudo pela sua edição facsimilada e comentada do Palimpsesto de Jerusalém (Berlim 1970), fez a colação dos vinte manuscritos principais que contêm a *Hécuba*, e desses escolheu, nos oito mais importantes, cento e trinta e oito passos em que havia lições com um erro métrico, para assim tentar a determinação do seu parentesco. Persuadido de que a colometria pode levar a resultados idênticos, deu, em apêndice à sua edição, o aparelho colométrico de dezasseis códices principais. A importância desse género de investigações, também notada e aproveitada por W. S. Barrett na sua edição do *Hipólito* (Oxford 1964, pp. 84-90), fornece desde já alguns indícios que interessam a toda a história da transmissão do texto de Eurípides, porquanto trazem elementos para o estudo da *vexata quaestio* da relação entre *L* e *P*. A conclusão do A. é que, na parte referente ao texto da *Hécuba*, *P* deriva talvez de uma fonte inicialmente próxima de *L*, mas a contaminação obscurece o parentesco entre ambos.

De um modo geral, o texto é conservador, no louvável intuito de manter aquilo que não precisa absolutamente de ser alterado. Assim, por exemplo, aceita *ἦσω* em 163 (dando paralelos para o seu uso intransitivo, bem como para o de *βάλλω*), as repetições de 169-170 (com base no *schol.* Aristoph. *Nub.* 1165, embora continue a rejeitar, como Murray, 175-176) e a terceira interrogação de 1081 (*πῦ βῶ*) que Nauck tirara para obter um dócmio, e que o A. mantém, formando um paremíaco. Este último caso é, aliás, um daqueles em que uma nova análise métrica das partes líricas (exaustivamente dada em apêndice, e implicando muitas alterações na colometria) permite restaurar o texto.

Duvidoso nos parece que 1087, rejeitado por Hermann e, mais recentemente, por R. Renehan (*Greek Textual Criticism*, pp. 32-33), deva ser mantido, dada a sua semelhança quase total com 722. Diferente é o caso de 1185-1187, onde, contra Dindorf e Murray, o A. mantém o texto dos manuscritos, confirmado por Estobeu, usando a pontuação de Jackson, que resolve as dificuldades de sentido e de sintaxe.

Como Méridier, o A. levanta a atetese de 831-832, proposta por Matthiae e seguida por Murray. Também aqui se trata de um passo sentencioso, citado por autores tardios (Orion, *Anth.* VIII. 17; *Schol.* Hom. *Od.* X. 481; Tzetzes, *Exeg.* p. 86). A articulação à frase anterior é feita com *γάρ* de *A Ge L* e dos correctores de vários outros manuscritos que tinham a lição *τε*, geralmente preferida pelos editores. Fica-se, no entanto, na dúvida, se a rejeição da emenda de Nauck, com o consequente regresso à lição de *νικτήρων βροτοῖς*, de uma parte da tradição manuscrita,

e repetição desta última palavra no verso seguinte por grande número de códices e por Tzetzes (o que teria levado à correcção *θηητοῖς* em muitos deles) será a melhor solução.

Depois da *Helena* de K. Alt, das *Troianas* de W. Biehl e dos *Heraclidas* de A. Garzya, a *Hécuba* de S. G. Daitz é mais uma importante adição ao novo Eurípides teubneriano.

M. H. ROCHA PEREIRA

Claudii Aeliani Varia Historia. Edidit MERVIN R. DILTS. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1974. XX + 199 pp.

Possuidor de um profundo conhecimento da transmissão manuscrita e dos *testimonia* de Eliano (recordem-se os seus artigos «The Manuscript Tradition of Aelian's *Varia Historia* and Heraclides' *Politiae*», *TAPA* 96, 1965, 57-72, e «The Testimonia of Aelian's *Varia Historia*», *Manuscripta* 15, 1971, 3-12), Mervin R. Diltz estava nas melhores condições para preparar a nova edição teubneriana da *Varia Historia*. Dado o interesse informativo dessa curiosa miscelânea de excertos e historietas sobre o mundo antigo, impunha-se, efectivamente, a necessidade de substituir a de R. Hercher, que já datava de 1887 (a anterior, de 1866, foi reimpressa anastaticamente em 1971)!

Nos dezanoves códices existentes, o A. distinguiu três famílias de manuscritos, *V*, *x* e *Φ*, cujo *stemma* estabelece. Tem, além disso, em conta as citações de Estobeu (veja-se, e.g., o aproveitamento feito em 3.28) e da *Suda*, em frases que revelam o estilo próprio de Eliano e não figuram na transmissão directa, facto que o leva a seguir a tese segundo a qual haveria uma versão mais completa da obra do que aquela que chegou até nós. Já em 1684, aliás, Kühn chamou a atenção para o possível significado da presença repetida de *ὅτι* a abrir muitos capítulos (a partir do Livro III, e, com mais relevo, no VII), como denunciativa da obra de um compilador. Podemos acrescentar, pela nossa parte, que essa é exactamente a fórmula sintáctica adoptada pelo chamado Ms. *Phralites* em relação à obra de Pausânias — sem deixar de ser, aliás, bastante valioso o testemunho desse códice, formado só por excertos.

Um outro problema da transmissão manuscrita da *Varia Historia* é a questão dos capítulos duplicados (*capita gemella*), que o A. resolve, como Lübbe e Schmid, a favor da autenticidade de ambas as versões. Para escolher se ela é ou não de aceitar, na totalidade ou em parte, fica o estudioso com os dados todos para decidir: um aparato de *loci similes* muito completo e cuidado, além dos numerosos paralelos a consultar para as histórias referidas no texto, assinala também os *gemella*, sempre que existem.

Apontamos algumas correcções que nos parecem felizes: em 3.30, o estabelecimento de lacuna antes de *Κλειτόμαχος*, a preencher com base noutra obra de Eliano (*Na* 6.1); em 10.21, a correcção de *Υμηττίου μέλιτος* de *Vx* para o acusativo; em 12.1, a substituição de *ἀπάγειν* dos mesmos códices por *ἀπαργάζων*, em passo em que se espera, efectivamente, o aoristo.

Um *index nominum* completa a utilidade da obra.

M. H. ROCHA PEREIRA

Euclides. Elementa. Vol. IV. Libri XI-XII cum appendicibus. Post I. L. HEIBERG edidit E. S. STAMATIS. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1973. XXXII + 238 pp.

Themistii Orationes quae supersunt. Recensuit H. SCHENKL. Opus consummaverunt G. DOWNEY et A. F. NORMAN. Vol. III. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1974. VIII + 161 pp.

Duas novas e importantes adições à Bibliotheca Teubneriana, que vêm perfazer as obras completas de cada um destes autores, aliás tão diferentes entre si quer no tempo quer nos interesses e méritos.

Demos já notícia do método que presidiu a esta refundição de Euclides, por E. S. Stamatis, feita sobre o trabalho de I. L. Heiberg (*Humanitas* XXI-XXII, 1971-1971, 467-468). Em segunda edição, tal como os três volumes anteriores, são-nos agora oferecidos os Livros XI, XII e XIII dos *Elementos*, o primeiro dos quais abre com a famosa série das Definições.

Do mesmo modo, agora é posta de início à disposição dos leitores uma colecção de *testimonia* sobre a tradição dos estudos geométricos, um índice dos assuntos tratados e dos princípios em que se apoiam as demonstrações. Stamatos fornece ainda um resumo das matérias que são objecto destes três livros.

O Vol. III de Temístio constitui um caso à parte na colecção teubneriana. Continuado, em princípio, pelos mesmos editores dos tomos anteriores (ou seja, A. F. Norman trabalhando sobre os materiais recolhidos por G. Downey, o qual, por sua vez, fora o continuador de H. Schenkl — vide a nossa recensão nesta revista, XXI-XXII, 1971-1972, 465), leva a termo um empreendimento iniciado nos começos deste século. Esta descrição, porém, não é adequada senão ao começo do volume, onde se contêm os fragmentos, num total de cinco páginas. A maior parte do livro